

Narrativas docentes sobre práticas de ensino de ciências na perspectiva da sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental

Teaching narratives about practices of science teaching in the perspective of sexuality in the initial years of elementary education

Adriano Santos de Mesquita

Instituto de Educação Matemática e Científica – IEMCI/UFPA
drykosantos@gmail.com

France Fraiha-Martins

Instituto de Educação Matemática e Científica – IEMCI/UFPA
francefraiha@yahoo.com.br

Resumo

Neste artigo analisamos narrativas de professoras sobre suas práticas de ensino de ciências no contexto da sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental. Nosso objetivo foi compreender como as professoras desenvolvem os conteúdos de sexualidade nas salas de aula à luz da Ciência. Para compreender as ideias acerca da temática, produzimos nosso material empírico a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com duas professoras que manifestaram interesse em participar da pesquisa. Nas experiências narradas, ficaram evidentes pedagogias escolares em que conteúdos da Ciência na perspectiva da sexualidade são explorados nas aulas, porém, muitas vezes, considerando apenas a dimensão biológica.

Palavras chave: narrativas docentes, práticas de ensino, sexualidade.

Abstract

In this article we analyze teachers' narratives about their practices of science teaching in the context of sexuality in the initial years of elementary school. Our objective was to understand how the teachers develop the sexuality's contents in classrooms in the light of science. To understand the ideas about the thematic, we produced our empirical material from semi-structured interviews with two teachers that showed interest to participate in the research. In the experiences narrated, were evident school pedagogies which science's contents in the sexuality perspective that are explored in class, but, many times they consider the biological dimension.

Key words: teaching narratives, teaching practices, sexuality.

Introdução

O tema sexualidade é instigante e, no âmbito educativo e do ensino de ciências, tem se inserido no contexto de temas considerados controversos (FROTA et al., 2015). Muito comumente temos observado resistências de professores em trabalhar com assuntos relacionados à sexualidade ou, como tratam os PCNs, à orientação sexual. Neste sentido, acreditamos que ainda há poucas experiências formativas vivenciadas por professores dos anos iniciais, seja inicial ou continuada, para que eles adquiram competências para o desenvolvimento de práticas de ensino na perspectiva da sexualidade.

No contexto escolar, o tema vem suscitando muitas reflexões e uma delas, particularmente, constitui nossa questão de pesquisa: que práticas de ensino são desenvolvidas pelos professores dos anos iniciais na perspectiva da sexualidade? Como desdobramento dessa questão central, buscamos, ainda, discutir as ideias de educadoras a respeito do ensino de ciências.

Promover debates e reflexões sobre sexualidade é fundamental, pois se trata de uma construção histórica e cultural que correlaciona comportamentos, representações, crenças, identidades e posturas (RIBEIRO et al., 2004). Como construção histórica e cultural, percebemos manifestações cada vez mais visíveis da sexualidade na escola e, por isso, torna-se imprescindível discutir essa temática.

Entendendo a relevância social e científica do assunto, o objetivo deste estudo é investigar que práticas de ensino voltadas à sexualidade nos anos iniciais estão sendo realizadas pelas professoras e, ainda, entender como essas práticas são desenvolvidas no contexto do ensino de ciências.

Para a maioria dos professores, a educação sexual é considerada relevante para a formação dos alunos. Contudo, muitos desses profissionais se sentem inseguros e, muitas vezes, receosos em saber como conduzir tal temática no espaço da sala de aula. Uma das explicações para isso pode ser justamente a falta de formação adequada e, neste sentido, é compreensível a insegurança observada (FIGUEIRÓ, 2009).

Nos anos iniciais do ensino fundamental, de forma inconsciente, as crianças manifestam seu entendimento e vivência sobre a sexualidade. Quando chegam ao período da adolescência e da puberdade, esse entendimento se torna mais latente e evidente, especialmente ao se relacionarem com o outro. É o momento em que os hormônios sexuais, o desenvolvimento do corpo e dos órgãos sexuais começam a ficar evidentes (MIRANDA et al., 2015).

A escola, neste sentido, passa a ser um local privilegiado para o desenvolvimento de práticas de ensino que ensejem discussão e reflexão sobre a sexualidade levando em consideração a vivência dos alunos nos ambientes sociais dos quais fazem parte (BRASIL, 1997). Entendemos a escola como um espaço permeado por pessoas com diferentes experiências e opiniões capazes de levar os alunos a compreenderem aspectos sobre a sua sexualidade e a dos outros.

A escola é, ainda, o ambiente onde o diálogo oferece possibilidades dos alunos questionarem e analisarem situações que necessitam de intervenção pedagógica. Os professores, portanto, são os sujeitos capazes de mediar o processo de construção do conhecimento através de atividades motivadoras e planejadas para os fins que almejam. Importa, sobretudo, que os alunos consigam apresentar suas ideias, discutindo-as de acordo com o nível de entendimento apresentado pela turma e que estas ideias sejam reelaboradas sob a forma de conhecimento científico.

Desenvolvemos este artigo em mais três seções que seguem: na primeira apresentamos as

opções metodológicas e estratégias de análise da pesquisa realizada; na segunda seção discutimos sobre a sexualidade humana como uma questão interdisciplinar; e, na última, discutimos o corpo humano como componente curricular nas práticas de ensino de ciências para tratar sobre sexualidade humana.

Opções metodológicas e estratégias de análise

Esta pesquisa, que faz parte de um processo investigativo mais amplo, assume caráter narrativo, pois decidimos trabalhar com as histórias contadas pelas professoras sobre suas práticas de ensino de ciências na perspectiva da sexualidade, bem como assumimos metodologicamente o percurso da pesquisa narrativa. De acordo com Connelly e Clandinin (1995), a pesquisa narrativa envolve a reconstituição de histórias vividas e compartilhadas pelos sujeitos da pesquisa, ou seja, pelos indivíduos que narram suas experiências, mas também por aquele que vai interpretar mediante as questões e ao objetivo do estudo que realiza.

A pesquisa narrativa se insere no contexto das pesquisas qualitativas. A pesquisa qualitativa preocupa-se em compreender um determinado grupo social ou uma organização. A representatividade numérica não é fundamental. As pessoas que pesquisam adotando a abordagem qualitativa são contrárias à ideia de um modelo único de pesquisa para todas as ciências. Dessa forma, os pesquisadores qualitativos não consideram o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social (GOLDENBERG, 1997).

Para este recorte investigativo, privilegamos duas professoras de uma escola da rede pública de ensino de Belém, no Pará. As professoras, ao tomarem conhecimento da temática discutida, espontaneamente se colocaram à disposição para contribuir por meio de suas narrativas sobre práticas de ensino que abordam sexualidade. Ambas as professoras são formadas em pedagogia e lecionam para alunos do 5º ano do ensino fundamental. Uma delas trabalha há um ano e a outra há mais de trinta e cinco anos como professoras dos anos iniciais.

Para a produção do material empírico, utilizamos a entrevista semiestruturada e o diário de campo, almejando saber que práticas de ensino na perspectiva da sexualidade as docentes desenvolvem em sala de aula. A esse respeito e sob um olhar mais amplo, entendemos que o ensino de ciências, independente do conteúdo explorado, deve garantir aos alunos uma formação científica básica que os conduzam à compreensão do mundo que os cerca e à construção de novos conhecimentos.

Para a análise do material empírico, utilizamos a teoria da análise textual discursiva que:

(...) pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do “corpus”, a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada. (MORAES e GALIAZZI, 2007, p. 12).

Sendo assim, o que fizemos foi descrever e interpretar alguns dos sentidos que as narrativas das professoras podem suscitar. Os materiais analisados passam a se constituir em um conjugado de significantes, ao qual o pesquisador atribui significados a partir das próprias intenções, dos seus conhecimentos e das teorias. Como objetivos da análise surgem novos sentidos e significados (MORAES e GALIAZZI, 2007).

Como método de nossas análises, lançamos mão do método indutivo que produziu categorias

a partir da análise do material empírico examinado. O método indutivo, de acordo com Moraes e Galiazzi (2007), acontece a partir de um processo de comparação e contraste entre unidades de análise tendo como fim a organização de conjuntos de elementos semelhantes, as *categorias emergentes*. Portanto, surgiram as seguintes categorias, as quais chamamos de eixos temáticos de análise: sexualidade humana: uma questão interdisciplinar; o corpo humano como componente curricular nas práticas de ensino de ciências para tratar sobre sexualidade.

Para manter o sigilo, o rigor científico e a ética, optamos por identificar as professoras como Maria e Cristina, nomes-fantasia apenas para melhor nos situarmos durante as análises deste estudo. Além disso, destacamos, quando necessário, suas narrativas em itálico e entre aspas.

Sexualidade humana: uma questão interdisciplinar

A questão central geradora das análises deste eixo temático está relacionada às ideias apresentadas pelas docentes sobre o ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental no âmbito da sexualidade humana. Em um enfoque mais amplo e abrangente, compreendemos a sexualidade em todas as dimensões do indivíduo: a biológica, a social, a emocional, a cultural e a religiosa. Assim, ela se manifesta do bebê ao indivíduo adulto não podendo causar-lhes prejuízos ou desequilíbrios (OLIVEIRA, 2009). Em consonância a essa perspectiva da sexualidade sob um olhar dimensional e extensivo, buscamos compreender as narrativas das professoras.

Neste sentido, a professora Maria afirma: *“Eu acho que a ciência, a sexualidade, elas englobam as outras áreas, é um tema muito interdisciplinar. Então, quando eu trabalho ciências com meus alunos, eu tento pegar também outras coisas de matemática, de português, não só a ciência em si.”* É possível inferir que a professora Maria, ao desenvolver práticas de ensino no contexto da sexualidade como um dos assuntos inerentes à ciência, o faz transpondo seus conteúdos para as outras disciplinas ensinadas por ela. Consideramos que a professora entende a interdisciplinaridade como algo que perpassa pelas disciplinas do currículo escolar.

Contudo, Maria ao dizer que *“eu tento pegar também outras coisas de matemática, de português, não só a ciência em si”*, revela a compreensão de que o desenvolvimento de atividades relativas à ciência só deve estar presente dentro da disciplina de Ciências. Ou seja, a professora parece não considerar a matemática ou a linguística como disciplinas científicas. Por outro lado, também entendemos, ao relacionar a fala da docente à questão da sexualidade, que as ideias dela sobre assuntos relacionados à orientação sexual nos anos iniciais, normalmente são trabalhados no currículo de Ciências e não nas outras disciplinas, o que poderia justificar suas considerações afirmando mesclar Ciências com as outras matérias.

A questão da sexualidade e da adolescência envolve uma vasta variedade de aspectos relacionados à formação psicossocial e às transformações biológicas que ocorrem nesse período, além de estarem relacionadas às questões familiares, escolares e à saúde sexual. Por isso, é fundamental que a abordagem desse assunto seja interdisciplinar (KLEIN, 2003).

Neste aspecto, visualizamos, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, o trabalho educativo desenvolvido nos anos iniciais no contexto da sexualidade. Isso requer esforço, dedicação e compromisso social dos professores no sentido de oportunizar aos alunos o contato com a experimentação no ensino de Ciências. Além disso, é importante destacar a diversidade de experiências sociais que as práticas de ensino interdisciplinares podem oportunizar aos alunos dos anos iniciais, seja na infância, quando estiverem adolescentes ou mesmo ao se tornarem adultos.

Para a professora Cristina, a sexualidade “*é uma questão muito ampla.*” Isso, a nosso ver, apresenta indícios de considerações centradas no entendimento da sexualidade como um conteúdo plausível de ser explorado em todas as disciplinas do currículo escolar. Compreendemos dessa forma porque a professora ainda acrescenta que “*(...) eles têm no livro de língua portuguesa um capítulo que aborda justamente a adolescência (...)*” De acordo com a docente, ela usa os textos de língua portuguesa para explorar conteúdos que envolvem a sexualidade, como a temática da adolescência. Segundo ela, ao usar os textos, busca levar os alunos a refletirem sobre suas próprias vidas. Para nós fica claro, a partir desse apontamento, o entendimento da professora sobre sexualidade como tema que pode ser trabalhado de forma interdisciplinar nas aulas, através da tentativa em incluir no ensino de língua portuguesa a temática sexualidade.

Percebemos que as narrativas das duas professoras parecem se entrecruzarem no entendimento da interdisciplinaridade como um processo que envolve o desenvolvimento de uma mesma temática em tantas disciplinas quantas forem possíveis. Neste ponto de vista, a professora Cristina demonstra se surpreender com o livro de língua portuguesa por apresentar um capítulo referente à adolescência como um dos assuntos possíveis para abordar a sexualidade humana. Compreendemos que as disciplinas da base comum nacional são importantes para as práticas interdisciplinares, porém não devem ser consideradas como únicas formas de divulgar o conhecimento científico. A cultura, os mais diversos âmbitos educativos em que estamos inseridos e as próprias crenças religiosas também se constituem em estratégias interdisciplinares de apresentação de conteúdos sobre a sexualidade ou quaisquer outros temas de cunho científico.

Sobre esse assunto, os parâmetros curriculares de orientação sexual (BRASIL, 1997) integram a temática da orientação sexual através da transversalidade, ou seja, a concepção, os objetivos e os conteúdos desse tema transversal encontram-se inseridos nas diversas áreas do conhecimento, o que confirma a compreensão da interdisciplinaridade como um aspecto importante no estudo da sexualidade.

A transversalidade compreende a orientação sexual como uma questão social. Por isso, a sexualidade é considerada um tema complexo em que nenhuma das áreas, de forma isolada, é suficiente para abordá-la. Sendo assim, deve ser trabalhada de forma contínua e integrada em todas as disciplinas relacionando-as às questões atuais (BRASIL, 1997).

O corpo humano como componente curricular nas práticas de ensino de ciências para tratar sexualidade

Nesta seção tratamos a respeito do eixo temático “corpo humano” emergente das manifestações das professoras de acordo com a entrevista realizada. Nesta categoria discutimos aspectos relacionados às práticas de ensino das professoras no contexto da sexualidade buscando elucidar seus pensamentos quanto ao ensino do corpo humano.

No decorrer da história da humanidade a curiosidade sobre a sexualidade sempre esteve presente. O corpo humano, com destaque para os órgãos genitais, foi retratado em muitas obras de arte da Antiguidade ou em desenhos pré-históricos. Nos escritos do filósofo Platão foram feitas referências ao amor e ao desejo sexual. Para ele, o deus Eros, deus do amor e dos desejos sexuais, era o responsável pela atração entre os corpos (OLIVEIRA, 2009).

Nas experiências narradas pelas professoras, a expressão “corpo humano” foi recorrente ao se reportarem às práticas de ensino sobre sexualidade nas salas de aula. Fica evidente o ensino sobre sexualidade tendo como força motriz o estudo biológico do corpo humano. Nas falas das professoras é comum associarem quaisquer outros assuntos no contexto da sexualidade

tendo como ponto de partida aspectos relacionados ao corpo humano. Para Freud (1984), os estudos sobre a criança, sobre os estágios iniciais de sua vida, têm início justamente através do corpo, fonte de prazer.

No exame das narrativas docentes, notamos que a professora Cristina destaca para os alunos o corpo humano, seus órgãos genitais e outros aspectos a ele associados, como algo nosso, uma espécie de moradia, lugar privativo dotado de intimidade e que deve ser entendido em sua completude por meio de seus sistemas. Conta-nos a professora: *“Essa semana a gente estava conversando e eles acharam graça de estar falando do peito, falando do sexo... Gente, é o nosso corpo, faz parte do nosso corpo, mas a gente observa ainda que eles têm essa vergonha, esse medo de falar do seu próprio corpo.”* A esse respeito, consideramos apoiados em Figueiró (apud VITIELLO, 2009) que, além do enfoque informacional acerca do corpo humano, é relevante desenvolver atividades como a dinâmica da dessensibilização pela palavra, a qual consiste em oportunizar aos educandos, em situação de grupo, a pronúncia de terminologias específicas que estejam relacionadas aos órgãos sexuais do corpo humano ou que tenham a ver com sexo. Desta forma, permite-se aos alunos a reflexão sobre os sentimentos que as palavras lhes causam.

Questões sobre sexualidade envolvendo o corpo humano também são discutidas pelo texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual. Segundo o documento, o corpo configura-se como a matriz da sexualidade e está relacionado às possibilidades de assimilação subjetiva de toda a experiência com o meio. Além disso, o corpo é entendido como um todo que integra os sistemas. É nele que estão presentes emoções, sentimentos, sensações de prazer e desprazer, assim como as transformações pelas quais passa ao longo do tempo (BRASIL, 1997).

Apesar da professora Cristina entender o corpo como algo que nos pertence, ela também narra que fica receosa, em algumas situações, ao falar sobre sexualidade com seus alunos. Segundo a professora, deve-se ter cautela com assuntos relacionados ao corpo e à sexualidade por questões de contexto familiar e também por questões religiosas dos alunos. Compreendemos, por meio das narrativas, que a docente busca mais informar os alunos ao invés de propriamente desenvolver práticas de ensino na perspectiva da sexualidade como, por exemplo, fazê-los criarem situações sobre o impacto que pode causar em suas vidas uma atitude impensada ou mal planejada com relação ao sexo sem uso de preservativos. Como a professora é a orientadora das discussões, pode conduzi-las no sentido de motivar respostas alusivas à gravidez indesejada ou à aquisição de doenças sexualmente transmissíveis. Contudo, consideramos que as professoras não apresentam esse tipo de prática justamente pelo receio em lidar com as ideias manifestadas pelas famílias dos alunos em relação a este assunto e por conta da forma como a fé de cada discente se expressa nesse sentido.

De acordo com a professora Maria, que também leciona para crianças de primeiro ano, quando fala em assuntos relacionados à sexualidade, ou mais especificamente ao corpo humano, *“os alunos tendem a manifestar comportamento tímido e retraído”*, como se fosse algo que não lhes pertence ou que não faz parte da vida deles. Ela ainda narra situações em que *“alunos do quinto ano demonstram curiosidade em saber das questões relacionadas ao corpo como, por exemplo, sobre o ciclo menstrual das meninas ou como ocorre o abuso sexual”*.

No caso dos alunos do primeiro ano, há indícios de que eles sentem dificuldades em saber como se relacionar com o próprio corpo. Essas dificuldades de relacionamento com o corpo são tão antigas quanto a própria humanidade (ITOZ, 2012). Ainda neste contexto, existem discursos que consideram a criança como um ser inocente e assexuado. São discursos construídos em torno de um modelo de racionalidade que enfatiza a ideia da criança inocente

e imaculada, como se não houvesse interferência do meio social ou de adultos na construção de sua sexualidade (RIBEIRO et al., 2004). Dessas análises é possível inferir que as dificuldades de relacionamento corporal das crianças perpassam, muitas vezes, pela forma como a sexualidade é tratada na família ou mesmo na escola.

A professora Maria ainda conta que os alunos maiores buscam solucionar, na escola, muitas curiosidades manifestadas por eles sobre sua sexualidade, sobre as mudanças em seus corpos. Segundo a docente, em casa, *“os alunos normalmente não têm as informações que necessitam e buscam nos pares respostas às suas indagações”*. Tal manifestação de Maria nos leva a interpretar essa situação levando em consideração o sentimento de confiabilidade dos alunos em relação aos pais, quando estes são presentes. Porém, sabemos que a educação sexual é um processo que se inicia justamente na família (ITOZ, 2012). Por isso, os pais são os primeiros educadores sexuais das crianças. Assim, acreditamos na educação sexual como um momento em que a criança e o adolescente reconheçam seus corpos e sua sexualidade através de condutas positivas sem bloqueios ou tabus (SOUZA, 2002). São as condutas positivas advindas da família as molas propulsoras para uma sexualidade segura, sem medos ou preconceitos.

Considerações Finais

No exame das experiências narradas, foi possível verificar que as práticas de ensino de ciências na perspectiva da sexualidade parecem ser desenvolvidas pelas professoras ainda sob a ótica de um olhar mais biológico do ser humano. Em nossa análise, sentimos falta de uma pedagogia escolar que conceba uma sexualidade mais abrangente e que envolva não só sua dimensão biológica, mas a social, a emocional, a cultural e a religiosa (OLIVEIRA, 2009).

Ao percorrermos as narrativas das professoras, percebemos que o enfoque dado à sexualidade na sala de aula é informativo e voltado à aprendizagem de conceitos, palavras ou expressões científicas, o que caracteriza o conhecimento científico. É possível inferir que, além da ausência de formação continuada sobre sexualidade nos anos iniciais demonstrado pelas professoras, elas também não se sintam à vontade, por questões pessoais, para desenvolver práticas de ensino mais circunscritas nesse âmbito.

Neste contexto, acreditamos ser o trabalho voltado às práticas de ensino sobre sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental, uma oportunidade de levar as crianças a experienciarem processos que envolvam sentimentos, emoções, afetos, formas de prazer, mas também medos, angústias, ansiedades e inseguranças. Esses processos são vitais para a formação da sexualidade das crianças se considerarmos que ela se expressa do nascimento até à morte.

Notamos que o ensino de ciências, de forma geral e curricular, está explícito na rede de enunciados apresentado pelas professoras. Contudo, salientamos a importância da contextualização dos conteúdos desenvolvidos na escola. Contextualizar significa, a nosso ver, buscar aproximar à vida dos alunos, todo o conhecimento científico produzido e elaborado no espaço da sala de aula.

Entendemos, ainda, que o trabalho voltado à sexualidade humana nos anos iniciais do ensino fundamental deva promover discussões e reflexões pelas professoras e pelos alunos. As crianças, desde muito pequenas, já manifestam curiosidades, como narrado por umas das professoras. Essas curiosidades são quase sempre as mesmas: crianças querem saber de onde vieram, como se fazem os bebês, por que meninos têm “pintinho” e as meninas “florzinha”. Buscar elementos desse contexto é uma de nossas sugestões para início de conversa com os pequenos. Com os maiores, deixar que narrem situações do cotidiano a partir da apresentação de um determinado tema pode se constituir em maneiras das professoras introduzirem

diálogos sobre sexualidade e, assim, promovam práticas de ensino de ciências significativas nessa perspectiva.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMPOS, T. D.; FILHO, A. B. de S.; SANTANA, J. R. S. **O ensino de ciências naturais nas séries/anos iniciais do ensino fundamental**. V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão-SE. 21 a 23 de setembro de 2011.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. **Relatos de experiência e investigação narrativa**. In: LARROSA, J. (org.) *Déjame que te cuente*. Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: como ensinar no espaço da escola**. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). *Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL, 2009. 190p.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: SALOMÃO, J. (Org.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 7, pp. 123-250. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

FROTA, W. A. de M.; OLIVEIRA, A. P. da S.; RODRIGUES, B. L. M. **Educação em sexualidade como tema controverso: diálogos de bolsistas do PIBID de Biologia com alunos adolescentes de ensino médio de uma escola pública de Itapipoca-CE**. VI Encontro regional de ensino de Biologia do Nordeste. 04 a 07 de setembro de 2015.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ITÓZ, S. de. **Adolescência e sexualidade para eles e para nós**. 8. ed. – São Paulo: Paulinas, 2012.

KLEIN, T. A. da S. **Sexualidade, adolescência e escola: uma abordagem interdisciplinar**. IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Bauru, SP. 25 a 29 de novembro de 2003.

MIRANDA, P. R. M. de.; FREITAS, F. E. de L.; SILVA, C. N. **Concepções e temas correlatos de sexualidade de alunos do ensino fundamental**. X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – X ENPEC. Águas de Lindóia, SP – 24 a 27 de Novembro de 2015.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

OLIVEIRA, V. L. B. de. **Sexualidade no contexto contemporâneo: um desafio aos educadores**. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). *Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL, 2009. 190p.

RIBEIRO, P. R. C.; SOUZA, D. O.; SOUZA, N. G. S. de. **Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do ensino fundamental**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004.

SOUZA, H. P. de. **Sexo, energia presente em casa e na escola**. São Paulo: Paulinas, 2002.